

Daniel Vire - Hist. da cultura

21
C

TURISMO CONTEXTO

Conselho Editorial
Adyr Balastrieri Rodrigues – USP
Antonio Carlos Castrogiovanni – PUC-RS
Luiz Gonzaga Godoi Trigo – PUC-Campinas
Mário Carlos Beni – USP

Eduardo Yázigi (org.)

Ângelo Serpa

Celso Nunes

Euler Sandeville Jr.

Iná Elias de Castro

Lucrecia d'Alessio Ferrara

Rebeca Scherer

Rita de Cássia Ariza da Cruz

Sílvio Soares de Macedo

Ulpiano T. Bezerra de Menezes

OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO TURISMO CONTEXTO:

A alma do lugar

Eduardo Yázigi

Criatividade em eventos

Francisco Paulo de Melo Neto

Fundamentos de planejamento e marketing em turismo

Ernesto Melgar

A pequena hotelaria e o entorno municipal

Eduardo Yázigi

Política de turismo e território

Rita de Cássia Cruz

Planejamento turístico

C. Michael Hall

A produção do saber turístico

Marutschka Moesch

Psicologia do turismo

Glenn F. Ross

Supervisão e liderança em turismo e hotelaria

Lynn Van Der Wagen e Christine Davies

Turismo e civilização

Luiz Gonzaga Godoi Trigo

Turismo e patrimônio cultural

Jaime Pinsky e Pedro Paulo Funari

Turismo rural

Adyr Balastrieri Rodrigues (org.)

Turismo urbano

Antonio Carlos Castrogiovanni (org.)

*Turismo e
Paisagem*

EDITORA
CONTEXTO

Copyright © 2002 dos autores

Preparação de textos
Camila Kintzel

Diagramação
José Luiz Guijarro

Revisão
Sandra Regina de Souza

Projeto e montagem de capa
Antonio Kehl

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Turismo e paisagem / Eduardo Yázigi, (org.). – São Paulo:
Contexto, 2002 (Turismo Contexto).

Bibliografia.
ISBN 85-7244-187-5

1. Paisagem. 2. Turismo - Planejamento. I. Yázigi, Eduardo. II. Série

01-4993

CDD-338.4791

Índices para catálogo sistemático:

1. Paisagem e turismo 338.4791
2. Turismo e paisagem 338.4791

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.

2002

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA CONTEXTO (Editora Pinsky Ltda.)

Diretor editorial *Jaime Pinsky*
Rua Acopiara, 199 – Alto da Lapa
05083-110 – São Paulo – SP

PABX: (11) 3832 5838

FAX: (11) 3832 1043

contexto@editoracontexto.com.br

www.editoracontexto.com.br

Sumário

Apresentação _____	7
A importância da paisagem _____	11
A paisagem como fato cultural! _____	29
Os lugares improváveis _____	65
Paisagem urbanística, urbanização pós-moderna e turismo _____	83
As paisagens artificiais criadas pelo turismo _____	107
Paisagem e turismo. De estética, nostalgia e política _____	121
A paisagem natural tropical e sua apropriação para o turismo _____	141
A paisagem periférica _____	161
Paisagem, turismo e litoral _____	181
A paisagem como teatro _____	215
Os autores _____	225

A paisagem como fato cultural

Ulpiano T. Bezerra de Menezes*

"As sociedades organizam seu ambiente em função da interpretação que dele fazem e, reciprocamente, o interpretam em função de sua organização" (Berque, 1995).

Introdução

O tema previsto pelo título deste capítulo é extremamente amplo, cheio de veredas que se multiplicam e de alternativas que não se excluem. Por isso, seria vão pretender dar conta dele, em sua totalidade. No entanto, parece-nos importante preservar algo dessa generalidade, ainda que sacrificando um tratamento mais aprofundado, sistemático e, sobretudo, original, pois estamos convencidos da necessidade de definir alguns pontos de apoio básico nesse campo movediço e ainda tão pouco discutido entre nós. Por isso mesmo, também julgamos pertinente abrir espaço no texto a um grande número de referências bibliográficas. Sem transformá-lo num repertório ou ensaio historiográfico, era conveniente, porém, apontar veredas que já tinham sido percorridas e fornecer pistas demarcadas para quem desejasse prosseguir nos caminhos aqui apenas iniciados.

Esse caráter movediço do tema deriva, em grande parte, da própria polissemia da palavra *paisagem*. Para exemplificar o sentido fluido do termo, tomamos um caso concreto: ao fazer um balanço crítico dos trabalhos apresentados em um colóquio internacional realizado na cidade de São Paulo, sobre o tema "Paisagem e arte – a invenção da natureza, a evolução do olhar", minha maior dificuldade foi encontrar os pontos de convergência (Menezes, 2000a). Para a maioria dos participantes, *paisagem* tornou-se simples moeda de troca, sem qualquer especificidade nos diversos contextos da maior parte das comunicações – quer se tratasse de paisagem empírica, quer de sua realização artística. Certamente tal flexibilidade traz vantagens, mas também banaliza e pode fazer perder-se o fio da meada. O risco maior, sobretudo, é a desistoricização do conceito. O termo freqüentemente coincidiu com natureza, ou espaço, espacialização. Daí ter-se discutido desde a arte de Franz Krajcberg (que trabalha com

* Professor do Departamento de História da FFLCH/USP

elementos geológicos ou vegetais, com um senso agudo de natureza) ou Hélio Oiticica (que trouxe a favela carioca para o território da arte) até as responsabilidades com a preservação de sistemas ecológicos. Além disso, dada a importância que se concedeu a temas com forte conteúdo existencial, de experiência vivida, a cidade constituiu um dos principais lugares de paisagem. Mais ainda, mesmo quando se distinguiu paisagem natural, paisagem representada e paisagem construída, a expressão *paisagem urbana*, muitas vezes, simplesmente se superpôs a morfologia urbana. Portanto, urbanização, história urbana, imaginário urbano, vida urbana e questões assemelhadas se integraram com familiaridade ao repertório do colóquio, juntamente, por exemplo, com os estudos iconográficos ou com as análises de imagens visuais ou de intervenções no espaço (*land art, happenings*). E o que dizer de expressões correntes, como paisagem sonora, paisagem celeste, paisagem cinestésica, paisagem religiosa ou paisagem política? Ou de categorias que o inglês faz germinar com a maior facilidade, como *soundscape*, *smellscapes*, *seascapes*, *homescapes*, *aeroscapes*, *wildscapes*, *cityscapes* etc.¹⁷ Todos estes usos, sem dúvida, têm justificativas e serventias próprias, mas fica difícil identificá-los em um denominador comum. Além disso, a banalização do termo torna seu uso indiferenciado, impróprio para quando se exige alguma precisão.

Conviria, assim, examinar essa diversidade de sentidos para sabermos sobre o que, efetivamente, estamos falando. Vale a pena dar atenção prioritária ao campo da geografia, pois entendem os geógrafos que a paisagem é um dos conceitos-chave da disciplina: "o campo do estudo do geógrafo é a paisagem", já afirmava Pierre Monbeig na década de 1930 (*apud* Salgueiro, 2000, que caracterizou as implicações da premissa na obra do geógrafo francês). À paisagem foi essencialmente atribuído um papel de integração, pela sua capacidade de articular o saber sobre a natureza com o saber sobre o homem (Corrêa, 1997). O problema é que há um outro conceito-chave ao qual também foi atribuída missão semelhante: o espaço. Mas paisagem e espaço não são sinônimos, lembra-nos Milton Santos: "A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza. O espaço são essas formas, mais a vida que as anima".

A história, por sua vez, tem procurado superar a polaridade entre natureza e cultura e acentuar sejam os resultados da ação humana, seja o caráter de sistema (e sistema aberto) que caracteriza a paisagem, sejam os fatores físicos, jurídicos, tecnológicos, demográficos e sociológicos de cujo jogo ela resulta (F. C. Teixeira da Silva, 1997).

Tais conceitos são sólidos, pertinentes e têm plena legitimidade. Entretanto, se quisermos considerar a paisagem como fato cultural, não basta supormos um objeto (uma extensão da superfície da terra), a ação humana que o transforma e a interação (material ou simbólica) que se estabelece. É preciso mais. É preciso tratar a paisagem como um processo cultural (Hirsch & O'Hanlon (ed.), 1995).

A paisagem e o processo cultural

"A paisagem não é universal." Esta afirmação radical de um grande especialista no tema, Augustin Berque, desvenda o caráter histórico do fenômeno (suas contingências, sua não-necessidade) e permite localizá-lo além da morfologia, além da paisagem empírica. Há "civilizações paisagísticas" (*paysagères*) e civilizações não-paisagísticas, acrescenta ele, apontando o caso da China – incluída na primeira classe – como verdadeiramente excepcional, por ser tão remota (a partir do século IV de nossa era) e de tanta amplitude.

Para identificar as civilizações paisagísticas propõe ele, em outro estudo (Berque, 1994), quatro critérios empíricos: uso de uma ou mais palavras para exprimir a "paisagem"; representações literárias (orais ou escritas) que descrevam a paisagem ou celebrem seus atributos; representações pictóricas de paisagens; e, finalmente, a existência de jardins de fruição. O primeiro critério lhe parece o mais determinante. Muitas civilizações nunca responderam a qualquer destes critérios; outras, apenas aos três últimos. Na história da humanidade, além da China, somente a Europa preencheu todos os critérios, a partir do século XV. China e Europa difundiram o sentido da paisagem pelas regiões sob sua influência.

Se a paisagem não é um fato universal, são universais as inúmeras formas que assume a superfície do planeta sobre a qual vivemos. No que se distinguiriam, então, dessas formas aquelas às quais cabe a designação "específica"? As formas belas? Um problema leva a outro: a beleza é um valor mutável, variável ao longo do tempo e do espaço. Não é imanente à coisa, mas obrigatoriamente atribuída. Os critérios de beleza integram códigos históricos, que estão em transformação contínua. Sem dúvida, seria possível definir quais os códigos operantes, nas sociedades ou em segmentos dela, que historicamente poderiam servir para diferenciar paisagem de, por exemplo, ambiente. Mas seriam insuficientes.

Seria oportuno, assim, ampliar o referencial de apropriação da paisagem, passando do belo para o estético. Com efeito, a apropriação estética é fundamental na construção da paisagem. Entenda-se o estético como se referindo não

